

25 ANOS: A VIDA E A HISTÓRIA DE UMA REVISTA

Em 1969 nascia a Revista Perspectiva Teológica. A Igreja e a teologia saíam profundamente transformadas do embate e refrega dos anos conciliares. A Igreja tradicionalista recebera um golpe de morte. Cessara o período do distanciamento da Igreja em relação ao mundo moderno. Ingressava-se na era do diálogo, do ecumenismo, da relação com as religiões e sobretudo com este mundo moderno. A teologia, por sua vez, despedia-se da velha escolástica, maquiada no último século por traços de outras filosofias, para entrar definitivamente na idade moderna do pensar.

Vivia-se a onda da secularização. O primeiro número da Revista reflete este clima de renovação teológica, de desafio da modernidade secularizada, de otimismo eclesiológico em vista de uma transformação das estruturas da Igreja, autocráticas e congeladas por séculos, no tríplice movimento de uma Igreja-serviço, de uma Igreja dos pobres e de uma Igreja pecadora necessitada de conversão.

A Revista optara naquele momento histórico por ser, ao mesmo tempo, um espaço para escritos sérios e inovadores de teólogos professores e também uma tribuna para ensaios de alunos e escritos de consistente divulgação teológica. Eram as exigências do momento. Além do mais, refletia tal opção a natureza da Revista, cujo conselho de redação era composto por professores e alunos. Estes a incentivaram e, de certo modo, a reivindicaram. Estiveram desde o início insuflando-lhe um ar mais jovem e destemido.

E essa dupla tarefa situava-se no horizonte da teologia do continente e sobretudo do Brasil. Eram mais desejos que realidade. A problemática ainda vinha sendo ditada pelos grandes centros teológicos europeus.

Eles estavam à volta com a avassaladora onda da secularização que envolvia o momento histórico de euforia neocapitalista dos "milagres econômicos" e do início da distensão política, com os primeiros anúncios do fim da guerra fria. Aliás, nem tão fria assim, já que se vivia sangrento conflito no Vietnam.

A preocupação teológica, porém, deixara-se embalar pela sedução secularizante e entregara-se de "corps perdu" às eufóricas relações com o mundo moderno, do qual no momento uma das expressões relevantes era o pujante neocapitalismo da década de 60.

Na América Latina já tinha acontecido Medellín. Mas os protagonistas fundadores da Revista ainda não tinham acordado para tal problemática. Será ao longo dos números seguintes que lentamente penetrará no universo teórico dos artigos e no elenco dos escritores a corrente teológica da libertação. Paulatinamente processa-se o movimento de uma teologia-reflexo para uma teologia-fonte.

A Revista viveu nesses 25 anos as vicissitudes da Instituição a que estava ligada: a Faculdade de Teologia então com o nome de Cristo Rei, anexa à Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Durante o ano de 1981 viveu-se um hiato, em que a Faculdade de Teologia esteve sem sede, já que fora fisicamente transferida para Brasília, mas não conseguiu o necessário aval eclesiástico para seu funcionamento. Mesmo assim editou-se um único número da Revista, como pequeno sinal de vida.

Com a mudança definitiva da Faculdade de Teologia para Belo Horizonte em 1982, como parte constitutiva do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, a Revista passa a ser editada nesta cidade.

Por essa ocasião, quis-se marcar uma nova orientação à Revista que não introduzia nenhuma ruptura radical mas acentuava um pólo. Dizia-se em Editorial que ela pretendia "articular séria reflexão teórica com uma pastoral comprometida com nosso povo pobre e oprimido", "como um serviço à Igreja, sobretudo de nosso país". Tal missão pensava-se cumprir "num esforço teórico e científico sério de amor e fidelidade à Verdade, no âmbito da justa liberdade acadêmica" e no cumprimento de uma missão recebida da Igreja e da Companhia de Jesus. Por isso, relembra-se a "grande opção do episcopado latino-americano em Medellín e Puebla pelos pobres em vista de sua libertação" e a "orientação corajosa" da Ordem, ao assumir sua missão como "serviço da fé, do qual a promoção da justiça constitui uma exigência absoluta".

A 25 anos de distância da fundação e a 12 anos da sua nova fase belo-horizontina, permanece o mesmo espírito orientador, ainda que os desafios se tenham modificado. A uma secularização triunfante, seguiu-se um reflorescimento do extremamente ambíguo fenômeno religioso, a ponto de falar-se de uma "Nova era". As seitas pululam. A teologia é substituída por uma vasta e fluida literatura religiosa das mais diversas tonalidades possíveis que lotam estantes de livrarias de aeroportos e rodoviárias.

A coragem e a expectativa de mudanças profundas nas estruturas eclesiásticas levavam a pena do escritor do primeiro artigo da Revista a levantar a questão de a configuração da administração eclesiástica, a caracterização monárquica do episcopado, a organização territorial da Igreja, a diversificação dos ofícios e ministérios serem tributárias das formas políticas da Europa antiga e medieval e portanto não necessariamente vinculadas ao núcleo cristão intangível. Hoje, pelo contrário, experimenta-se um reforço da centralização, um enrijecimento das estruturas eclesiásticas. Então se acentuavam a dimensão de serviço da hierarquia ao Povo de Deus, a Igreja dos pobres e dos pecadores, uma abertura nova ao ecumenismo e sobretudo o encontro com o mundo moderno.

Hoje a dimensão de serviço acanhou-se. A figura da Igreja dos pobres adquirira pelo impacto de Medellín e Puebla tal novidade e vigor que se tornou para muitos setores da

Igreja intolerável ameaça. Prefere-se falar de reconciliação e evitar qualquer epíteto que insinue uma Igreja das bases, popular ou dos pobres. Enfim, a opção nítida da fase belo-horizontina pelos pobres, pela libertação, pela fé articulada com a promoção da justiça, no espírito da fidelidade à Verdade e da liberdade acadêmica, encontra também seus percalços no momento atual.

Entretanto continua missão desta Revista teológica: batalhar pelos ideais ousados que ela se propôs, sobretudo na sua segunda fase. A prática da teologia é uma tarefa que implica fazer-se contemporâneo a uma situação e guardar, ao mesmo tempo, uma distância crítica dela.

Contemporâneo aos problemas, às perguntas fundamentais, aos desafios que a Igreja, a pastoral, o fiel simples, os homens e mulheres da atualidade vivem e sofrem. Contemporâneo no esforço de falar não somente às pessoas de hoje, mas de suas interrogações e buscas fundamentais, inquietadoras. Mas não necessariamente contemporâneo no sentido de falar a uma sensibilidade superficial nem de responder a medos das autoridades. Em função de tal sensibilidade, gira pelas mãos de leitores ávidos do religioso abundante literatura. A serviço do poder, existem os perenes escribas, repetidores fiéis de frases feitas de documentos. São reprodutores incansáveis do mesmo na alegria servil do sorriso complacente dos narcisos no poder.

A teologia toma distância crítica. Não busca a demagogia fácil do aplauso imediato, nem o apoio rápido do poder. Sabe que pode contrariar interesses imediatos, sobretudo ao procurar ser profundamente democrática, reconhecendo no povo (demos), máxime simples e fiel, o poder, a força (cratos) inspiradora, alimentadora de suas reflexões. A teologia persegue, portanto, uma "democracia na e da fé" do cristão fiel. Nasce de uma responsabilidade de fé em vista do povo e volta-se para ele. Não visa diretamente nem aos seus pares da teologia, nem às autoridades, mas ao povo de Deus. É serviço a este. Dos teólogos profissionais, recebe ajudas em forma de críticas e reforços. São ajudas, mas nunca a última palavra. Da hierarquia acolhe o testemunho da verdade, mas não pratica o puro espelhismo de seu poder.

A Revista é consciente da ousadia de ser teológica no sentido estrito e, ao mesmo tempo, responder aos imperativos pastorais das comunidades eclesiais vivas e populares. A teologia toca com sua reflexão arquétipos religiosos profundos do povo. São resistentes e dão consistência de sentido e vida ao povo fiel. Constituem o escrínio sagrado da cultura popular. Violentá-los, profaná-los com teologias secularizantes de Primeiro Mundo pode transformar-se num desserviço eclesial. Mantê-los também no nimbo religioso da alienação conflita com a causa libertadora desse mesmo povo pobre.

Respeito e crítica devem conjugar-se na tarefa teológica que a Revista se propõe. Pretende conservar a riqueza cultural religiosa da fé popular, de um lado, e, de outro, antecipar-se aos problemas que a ameaçam a fim de prepará-la para os embates duma modernidade que não pede licença para entrar. Atrasar pode ser-lhe ruína. Precipitar-se pode produzir o mesmo efeito. No equilíbrio da captação da riqueza da sabedoria e religiosidade popular e da crítica de seus limites alienantes situa-se o jogo teológico a ser conduzido com responsabilidade e audácia.

Nem sempre tal tarefa é entendida. Cabe aguardar na paciência histórica que muitas das reflexões hoje produzidas possam amanhã ser percebidas na sua profundidade. Se tivesse faltado aos teólogos pré-conciliares esta distância e paciência não teríamos tido o Concílio Vaticano II. Não foram os teólogos da repetição escolástica, que gozavam da aura do poder, que o gestaram, mas aqueles que sofreram a incompreensão, as suspeitas, e, entretanto, fiéis na liberdade de escrever, confiantes no rolar da história e pacientes em face dos acontecimentos adversos, permaneceram na lide teológica até serem recuperados pela grande Tradição da Igreja.

A teologia da América Latina, que se quer produzir e veicular nessa Revista, sofre no momento duplo perigo: embalar-se com apoios superficiais e afetivos, sem a consistência da crítica, ou recuar ao cômodo servilismo do escriba sem liberdade crítica. A teologia, como toda estrutura cristã, participa em profundidade do mistério pascal. Não há ressurreição histórica, não há reconhecimento de profundidade que não passe pelas cruzes da dúvida, pelos dilaceramentos da verdade não percebida, pelas incompreensões das hierarquias, pela ironia sarcástica dos poderosos.

A teologia não é nenhum empreendimento derivado de outra atividade de que depende na sua própria estruturação. Também não goza da autonomia absoluta da razão segundo o catecismo da Ilustração kantiana. Na unidade de um só Espírito, um só Senhor e um só Deus, participa da diversidade dos dons, dos ministérios e dos modos de agir (1Cor 12,4-6). É, antes de tudo, interação, com carisma próprio e original, mas com referências fundamentais à revelação, ao povo fiel, ao magistério eclesiástico. Daí lhe surgem as fidelidades necessárias.

A sua fidelidade última é ao Senhor Jesus, que nos revelou o mistério da Trindade. E, ao seguir Jesus, mais uma vez a teologia assume sua tarefa fundamental de fazer-se contemporânea e guardar distância crítica. Pois Jesus foi o primeiro a viver esta dialética da contemporaneidade e da distância. Foi extremamente contemporâneo ao anunciar o tão desejado e sonhado Reino de Deus. Era realidade fascinante para o judeu da época. Guardou distância crítica quando rompeu os esquemas religiosos e organizacionais dos poderes judaicos. Pagou o preço da cruz. Venceu o tempo pela ressurreição e pela presença até hoje de sua mensagem.

Esta Revista propõe-se, mais uma vez, para o próximo quartel de século de vida ouvir a realidade, expressa especialmente na vida do povo fiel e sofrido, captar-lhe em profundidade os sinais a fim de oferecer uma palavra de fé refletida. A revelação, palavra última de nossa fé, pede de nossa reflexão teológica sempre nova linguagem, nova abordagem de conteúdo, nova configuração, dentro de sua identidade continuada, que não se percebe pela linearidade da letra formulada, mas pela "recepção" garantida pelo "sensus fidei" e "sensus fidelium". É o reconhecimento na fé, que não se faz instantaneamente, mas ao longo de uma caminhada da comunidade, que é o aval maior, desejado e acolhido na gratuidade e surpresa. Por isso, quanto mais a hierarquia estiver próxima ao povo fiel, tanto mais ela será critério da verdade, que o mesmo Espírito agita nos segmentos vivos da sua Igreja. E quanto mais ela se afasta perigosamente do povo, tanto menos capaz se faz de exercer sua função de árbitro e confirmadora da verdade. O último critério da verdade na Igreja nunca é uma instância humana. É sempre o Espírito de Deus que,

numa predileção benevolente e maravilhosa, quis ocultar os seus mistérios “aos sábios e aos inteligentes” e revelá-los “aos pequeninos” (Mt 11,25).

A teologia está sempre consciente de que trabalha com a verdade numa dimensão escatológica e salvífica. Participa do “já” atual dessa verdade a ser transmitida como fonte de sentido, vida e salvação para os homens e mulheres. Entretanto sofre sua pequenez diante do “ainda não” desvelado de uma Verdade plena, do “Deus semper maior”, que a impulsiona sempre a ultrapassar os limites já alcançados.

Com essa consciência esta Revista deseja prosseguir seu serviço de reflexão séria e livre, na humildade de suas fracas forças, mas forte na confiança Naquele em quem acreditou (2Tm 1,12).